

# ESQUEMAS-IMAGÉTICOS E O PROCESSO DE MESCLAGEM NO GÊNERO “TIRINHAS”

Ana Paula Moraes Ramos (PIBIC/UERJ)

**RESUMO:** Este artigo investiga como a gramática que veicula o discurso – morfologia, sintaxe ou escolhas lexicais – projeta esquemas-imagéticos e mesclas. Ocupa-se de entender como a imaginação narrativa (Turner, 1996) nos permite prever, planejar, compreender e explicar fatos. Esse processo, segundo Turner (1996), nos dá a oportunidade de a partir de um história concreta, vivenciada em nossa experiência diária, entendermos muitas outras histórias abstratas. Ainda de acordo com o autor, os efeitos inventivos e interpretativos advêm da própria natureza do pensamento humano, que é eminentemente “literário”. Portanto, o que deduzimos não é apenas porque já o experimentamos de tal forma, mas sim porque temos a capacidade de sobrepor histórias e prever como as próximas se darão. Para tal fim, foi selecionado um *corpus* de “tirinhas” e foram codificados os recursos lingüísticos que sinalizam os esquemas-imagéticos (Lakoff, 1990 apud Saliés, 1997; Turner, 1996) e as mesclas (Fauconnier, 1997 apud Saliés, 2004) presentes. Os resultados da análise deverão fornecer subsídios para a elaboração de materiais e práticas pedagógicas que desenvolvam a consciência crítica sobre estes processos, proporcionando maior autonomia e funcionalidade na leitura em língua materna.

## 1) Objetivo da pesquisa

Este estudo pretende responder quais são os processos sociocognitivos que nos permitem reconhecer eventos e histórias presentes nas tiras em quadrinhos. Se os conhecimentos avançados por Turner (1996), Lakoff (1990 apud Saliés, 1997) e Fauconnier (1997; 2002 apud Saliés, 2004) se confirmarem em

nossas análises do *corpus*, dois processos deverão emergir: projeção de esquemas-imagéticos e mesclagem. A relevância do estudo do discurso dentro desse paradigma é de permitir um entendimento da origem dos desencontros em situações comunicativas e da noção de “erro” na área de ensino. É quando lidamos com escolhas lingüísticas extremamente periféricas aos processos de categorização típicos de uma dada comunidade discursiva que a noção de “erro” se consubstancia.

## 2) Metodologia

Examinamos qualitativamente o processo de mesclagem como proposto por Fauconnier (1997; 2002 apud Saliés, 2004)<sup>1</sup>, assim como os esquemas-imagéticos que estruturam os espaços mentais segundo a proposta de Lakoff (1990 apud Saliés, 1997) e de Saliés (1997; 2001). O arcabouço teórico é portanto o sociocognitivismo (Lakoff, 1990; Chiavegatto, 2002; Turner, 1996; Fauconnier, 1997; Saliés, 1997; 2001; 2004). Para verificar a presença de esquemas-imagéticos e mesclas, partimos dos índices lingüísticos que acionam estes processos sociocognitivos, por exemplo, aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos. Os princípios de análise (imaginação narrativa, esquemas-imagéticos, metáforas básicas e mesclas) serão tratados nas seções (4), (5) e (6) nas quais será desenvolvida a nossa análise, seguindo o formato tipicamente utilizado em análise de discurso em pesquisas qualitativas.

O *corpus* é composto de “tirinhas” nacionais, somando 7.000 palavras. Essas tirinhas foram publicadas em 2004 e 2005 no jornal O Globo. A facilidade do acesso às tirinhas em jornal de grande circulação determinou a escolha desta fonte de coleta de dados. A seleção das tirinhas que compõem este artigo foi feita aleatoriamente. Todas trazem conteúdo de reflexão sobre a condição humana ou críticas de costumes. Possuem um estilo cômico e satírico que emerge da interação dos personagens, onde geralmente

ocorrem disjunções comunicativas. São compostas de seqüências curtas de quadrinhos que fragmentam as breves interações. Não possuem uma temática circunstancial, podendo ser classificadas como atemporais visto que uma tirinha pode atravessar décadas e continuar sendo inteligível ao leitor.

### 3) A capacidade da mente humana de projetar

Uma das capacidades mais importantes da mente humana, segundo Turner (1996) e Fauconnier (1994 apud Turner, 1996: 58) é a de projetar histórias ou informações sucessivamente. É esta capacidade que nos permite compreender uma informação em termos de outra. Segundo estes autores, a mente humana é estruturada por espaços mentais que armazenam informações a respeito do que pensamos ser “verdade” e do que pensamos estar na realidade do mundo. O conceito de *espaço mental* segundo Fauconnier (1994, apud Miranda, 1999:85-87) define-se como:

modelos parciais ou locais de aspectos do conteúdo mental; são diferentes de mundos possíveis, na medida em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais.

Quando os espaços mentais são conectados uns aos outros, há correlação entre os domínios conceituais (espaços mentais) e as contrapartes entre os espaços são definidas. No domínio-fonte concepções mais concretas da nossa experiência são agrupadas; no domínio-alvo as concepções mais abstratas da nossa experiência, que são contrapartes daquelas que aparecem no domínio fonte. Tal sobreposição acontece por projeção, possibilitando a compreensão do segundo em termos do primeiro.

Entretanto, segundo Turner (1996), o modelo de projeção de um espaço em outro, onde a projeção é direta, *one-way*, e positiva, necessita de refinamento. O refinamento é o espaço mescla.

De acordo com o autor, este espaço mescla tem domínios de *input* que são também denominados de domínios fonte e alvo e que alavancam um espaço genérico com características de todos os domínios de *input*. Ao realizarmos a projeção parcial das partes destes domínios de *input*, geramos um outro espaço, o espaço mescla, que é um espaço único, com características próprias. Este espaço mescla constrói um novo sentido. É importante ressaltar que os *inputs* não são apenas provedores de projeções para a mescla, podem também ser receptores de projeções vindas da mescla desenvolvida. Isso quer dizer que o espaço mescla desenvolve uma estrutura emergente própria, onde um novo significado é ativado, e como tal, também pode projetar a estrutura de volta aos seus *inputs* (Turner, 1996). Turner qualifica esta projeção como “parabólica”, remetendo à qualidade da parábola literária de servir como um laboratório de condensar muitos elementos e histórias em um pequeno espaço (Turner, 1996).

#### 4) A imaginação narrativa

Um dos conceitos que vamos utilizar para analisar as tirinhas é o da imaginação narrativa (Turner, 1996). Segundo Turner, a imaginação narrativa nos permite prever, planejar e explicar fatos. Esse processo deve-se à nossa capacidade de construir histórias continuamente, o que qualifica nossas mentes como literárias. Segundo o autor, a partir de uma história específica, projetamos muitas outras mais abstratas, que trazem em si a semente de experiências apriorísticas que vivenciamos. São essas projeções que possibilitam o entendimento da primeira história imaginada. O funcionamento da imaginação narrativa (Turner, 1996), ilustra como se dá o funcionamento da cognição humana. Ou seja, como associamos percepções e conhecimentos prévios para inferirmos significados de fatos novos.

Ainda segundo o autor, apesar de muitas vezes encarmos os textos literários como textos “especiais”, seus efeitos inventivos

e interpretativos advêm do “pensamento literário” básico do dia-a-dia. É a partir da mente literária e suas projeções que podemos antecipar os acontecimentos, avaliá-los e planejá-los para melhor atuarmos em dada situação. Podemos ainda explicar o porquê da natureza de tal fato. É essa capacidade de “avisar”, de usar a intencionalidade que comprova a imaginação narrativa do homem e que caracteriza o homem como homem.

Para Turner (1996), construímos histórias em nossas mentes literárias a todo momento. Isso acontece sem que tomemos consciência do ato de estarmos formulando histórias. Portanto, o que deduzimos não é necessariamente porque já o experimentamos de tal forma, mas sim porque temos a capacidade de sobrepor histórias e prever como a próxima se dará. As histórias são inventadas mas não são opcionais, são essencialmente necessárias para a escala de experiências humanas. No entender do autor, é na interação das informações que nos são dadas diariamente, com o contexto e com o conhecimento prévio, que as concepções de realidade amadurecem. Nem atuamos e nem narramos de forma transparente ou unívoca, construímos sentido com base em nossas experiências e conhecimento de mundo. As pessoas não pensam e interagem de maneira automatizada. Em resumo, para Turner os significados não são “objetos mentais” misturados em um lugar conceptual, mas sim variadas e complexas operações como a de projeção de esquemas-imagéticos, mesclagem, projeção de histórias em outras histórias, múltiplas ligações. É na interação entre mente e corpo que nossas concepções apriorísticas de mundo são arquitetadas e que damos sentido às experiências vivenciadas. Para exemplificar, Turner (1996: 87) mostra que um provérbio fora de um contexto específico, como em um livro de provérbios, é uma história que só pode ser entendida via projeção. A história (fonte) é projetada em uma história abstrata que pode conter e nos fazer pensar em uma série de outras histórias específicas (alvos).

## 5) Esquemas-imagéticos

Esquema-imagético é um conceito utilizado por Turner (1996) que foi primeiramente proposto e desenvolvido por Johnson (1987, apud Turner 1996: 16) e Lakoff (1990). São estruturas mentais apriorísticas, arquitetadas a partir das nossas experiências corporais. Por exemplo, quando pegamos um objeto, há movimento ao longo de uma trajetória do objeto. Para Turner, neste exemplo ocorre o esquema-imagético TRAJETÓRIA. Essa estrutura interage dinamicamente com outras da mesma natureza (VERTICALIDADE, HORIZONTALIDADE, CAUSA-EFEITO), que se configuram de forma semelhante e podem ser associadas de maneira complexa via projeções. A meta de uma TRAJETÓRIA pode ser o interior de um contêiner (Turner, 1996) por exemplo, para compreendermos o enunciado “Estou voltando para casa” associamos os esquemas-imagéticos TRAJETÓRIA e CONTÊINER.

Os esquemas-imagéticos estão sempre sendo recodificados em nossas mentes pois apresentam detalhes das nossas experiências diárias tais como os objetos utilizados, os atores participantes, os lugares ocupados. Um esquema-imagético residirá no domínio-fonte e pode ser projetado em um domínio-alvo. Segundo Turner (1996) em “A empresa afundou” projetamos a estrutura da ação espacial de um naufrágio, na falência de uma empresa (ação sem movimento espacial estruturado). Há nesse caso, a projeção do esquema-imagético TRAJETÓRIA da história-fonte (naufrágio) no alvo (falência). A trajetória em ‘um naufrágio’ é de cima para baixo e é projetada na história-alvo da falência de uma empresa. Via projeção a empresa estava “por cima” e com a falência fica “por baixo”. Então, o evento da falência da empresa é estruturado conforme o naufrágio, com uma trajetória de declínio.

Podemos reconhecer inúmeros eventos estruturados pelo mesmo esquema-imagético, visto que reconhecemos as categorias presentes neles como objetos, pessoas e fatos. Os esquemas-

imagéticos mais apriorísticos são: o de movimento ao longo de um caminho que denomina-se TRAJETÓRIA; interior limitado que denomina-se CONTÊINER; de EQUILÍBRIO; PARTE X TODO e SIMETRIA. O esquema de CONTÊINER é vivenciado cotidianamente, de muitas maneiras, mas principalmente pelo modelo de nossos corpos e cabeças. A forma do corpo humano delimita uma parte interior, uma fronteira e outra exterior. Assim os esquemas-imagéticos de CONTÊINER são estruturalmente divididos. Um exemplo do esquema-imagético de TRAJETÓRIA encontra-se no enunciado “Um pensador começa da suposição, se direciona para a conclusão tropeça nas dificuldades, volta para corrigir seus erros” (Turner, 1996: 43). O esquema-imagético de CONTÊINER é encontrado no enunciado “Minha cabeça está cheia de boas idéias!”, e o de PARTE X TODO em “Ele pediu a mão da jovem em casamento”. O esquema-imagético de ORDEM LINEAR pode ser exemplificado no enunciado “Os últimos serão os primeiros”.

Passando à análise de esquemas-imagéticos no corpus desta pesquisa, na Figura 1 (<http://www.ziraldo.com.br/>) há um exemplo de esquema-imagético complexo. Nela ocorre associação de alguns esquemas como o de CONTÊINER ao delimitar-se a parte interior do cômodo, a parte exterior onde se encontra o Menino Maluquinho e a fronteira ocupada pela porta. O esquema-imagético PARTE X TODO aparece contrapondo a visão limitada que ocorre através da fechadura à visão total que só ocorre quando se abre a porta.



Figura 1: O Menino Maluquinho

Cabe também mencionar que esquemas-imagéticos não são estáticos (Turner, 1996). Eles estão sempre se sobrepondo e surgindo de maneira seqüencial. Para Turner (1996), isso faz parte da sofisticada capacidade da mente humana de projetar partes parabólicamente como acontece quando jogamos um pedrinha na água e uma sucessão de círculos surgem até o infinito. Para o autor, as seqüências estão relacionadas ao dinamismo dos esquemas assim como às previsões e às avaliações que fazemos dos fatos. A partir do entendimento de algumas experiências sabemos que, se tal coisa acontecer, outra acontecerá como consequência da anterior. Nos esquivarmos de uma pedra que vem em nossa direção, por exemplo. Tal atitude resulta de três fatores anteriores: previsão, avaliação e planejamento, todos estruturados pelos esquemas-imagéticos.

A Figura 2 em nosso *corpus* (<http://www.ziraldo.com.br/>) também apresenta o esquema-imagético TRAJETÓRIA. É possível antecipar o que acontecerá com o Menino Maluquinho a partir da visualização do buraco e do ato do menino de caminhar em direção a ele. Constatamos que o Menino Maluquinho percorre o caminho horizontalmente, em direção a um buraco, e nossa



Figura 2: O Menino Maluquinho

avaliação nos leva a antecipar que em seguida ele cairá neste buraco e que sua trajetória será vertical, para baixo. A tentativa dos amigos de avisarem o Menino Maluquinho sobre o que lhe irá acontecer, traz à tona o poder de previsão, avaliação, planejamento e explicação que tanto nós, quanto eles, que observam o menino, possuímos.

De acordo com Turner (1996), essas estruturas mentais apriorísticas são projetadas para que ocorra o reconhecimento dos eventos e histórias do cotidiano. Às vezes uma história pode não ter um movimento espacial definido e passar a ter por projeção de esquemas-imagéticos. A projeção de um esquema-imagético em uma história pode, por exemplo, torná-la uma ação corporal quando de fato ela não o é. Um estado físico pode corresponder, por projeção, a objetos físicos e à mudanças de estados físicos e situações, “parabolicamente” (Turner, 1996). É o que acontece quando nos referimos a alguém que “perdeu” ou “agarrou” o emprego (Turner, 1996). O estado de se estar empregado é tomado em termos de um “objeto” que é “perdido” ou “agarrado” por uma pessoa. A concepção de objeto é projetada na concepção de se estar empregado. Uma máquina ou uma recessão, por exemplo, pode ser entendida como o ator causador da demissão e da perda do emprego de uma pessoa (Turner, 1996: 35). A concepção de agente é projetada na concepção de recessão. Portanto, o evento de uma recessão pode tornar-se um ator responsável por uma demissão, via projeção parabólica. Ainda segundo o autor, há modelos que nos guiam no entendimento dessas projeções. *Eventos são atores* ilustra o modelo que guia a personificação da recessão em um agente causador de demissão. Parabolicamente, muitos outros modelos subsequentes podem ser gerados a partir desse exemplo, como *eventos são manipuladores* ou *eventos são movimentos* (Turner, 1996: 46).

## 6) A mesclagem

Turner (1996) também advoga que além de o nosso pensamento ser essencialmente literário, ele mescla, por meio da imaginação narrativa e da projeção parabólica as contrapartes entre domínios conceptuais. Como já dissemos anteriormente, o processo de mesclagem é a sobreposição por similaridade, de domínios de *input* (fonte e alvo) e de um domínio genérico que é

alavancado por estes. O espaço mescla é um novo espaço que ativa um novo sentido.

A análise da Figura 3 (<http://www.ziraldo.com.br/>) exemplifica o processo de mesclagem. Nessa “tirinha”, o Menino Maluquinho projeta o domínio-fonte (*reality show*) no domínio-alvo (família). O domínio-fonte agrupa todas as implicações de conviver com outros na mesma casa, de estar sempre sob o olhar do outro, da falta de privacidade que é dividir o mesmo espaço com várias pessoas e principalmente da possibilidade de se excluir um dos participantes deste espaço. O domínio-alvo também é constituído de várias partes: pai, mãe, filhos, hierarquia doméstica e problemas de convivência.



Figura 3: O Menino Maluquinho

A mescla toma esses dois domínios como *input* e avança um domínio genérico, um terceiro espaço. Esse incorpora estruturas parciais dos domínios fonte e alvo, como por exemplo eliminação de um membro e família. Através de projeções de partes em contrapartes, surge um domínio mescla, o domínio “nosso *reality show*”.

Enfim, os problemas de convivência que surgem a partir da existência de uma hierarquia doméstica implicam no desejo do Menino Maluquinho de eliminar o pai da casa. No quarto domínio “nosso *reality show*”, gerado pelo personagem, existe a possibilidade da sua mãe aceitar eliminar seu pai da casa. Esse é o espaço mescla. A figura 4 ilustra como ocorre o processo de mesclagem.

De acordo com Turner (1996), a estrutura abstrata gerada pelos espaços de *input* (domínios conceituais), reside no espaço genérico. As mesclas são construídas se duas histórias geram uma estrutura abstrata que fica contida no espaço genérico e que irá conectar tais histórias e suas contrapartes, gerando uma nova história. É o espaço genérico, com as concepções mais abstratas das informações participantes, que indica as contrapartes dos domínios. A mescla é de natureza recursiva, pois de uma mescla várias outras podem ser geradas incluindo vários espaços de *input*. Isto é o que acontece nas parábolas e o que pode acontecer com todas as histórias quando são sobrepostas. Ou seja, muitos significados são distribuídos sobre muitos espaços mentais e nas suas correlações. Até mesmo o espaço genérico possui uma existência conceptual própria, visto que uma informação genérica pode ser projetada para tal espaço como história abstrata. Quando lemos um provérbio (história específica), por exemplo, e não temos razão para projetá-lo no alvo de outra história específica, fazemos uma interpretação genérica (Turner, 1996). Dessa maneira, o provérbio é concebido como uma história abstrata que permanece no espaço genérico. Em resumo, o genérico só se torna específico quando uma informação genérica, no espaço genérico, como um esquema-imagético por exemplo, é projetada em um alvo específico. A seqüência, no entendimento de Turner, seria a seguinte: Provérbio específico  $\Rightarrow$  informação genérica  $\Rightarrow$  história específica.

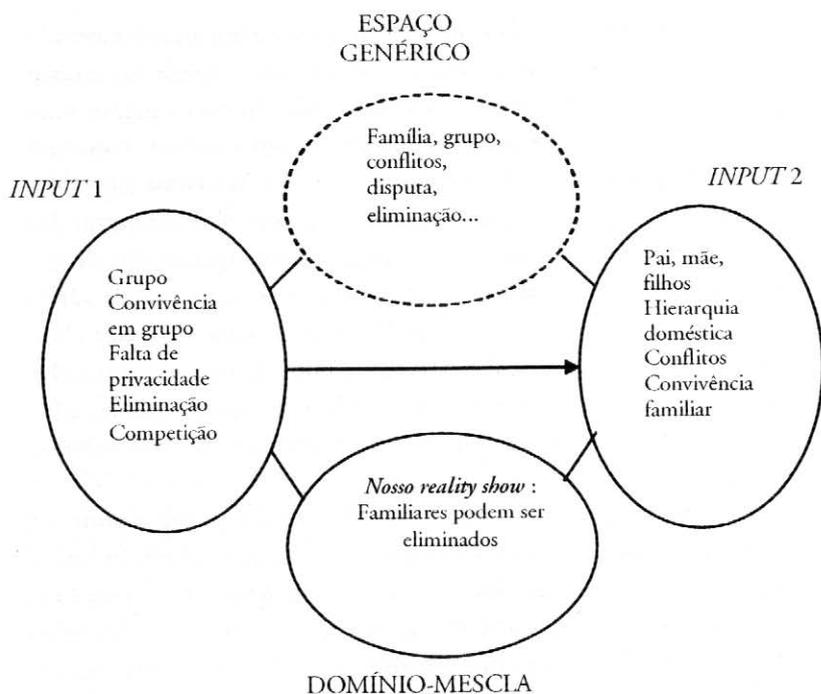


Figura 4: Exemplo de mesclagem

### 6.1) Grau de mesclagem

Para Turner (1996), o grau de mesclagem varia ao longo de um contínuo. Esse grau de mesclagem depende do leitor. Existe um gradiente de especificidade entre o espaço genérico e o espaço mescla de acordo com o número de projeções que o leitor consegue fazer. Assim, nós enquanto leitores nos colocamos de forma flexível ao longo de tal gradiente, que vai ter seu grau determinado tanto pela opinião quanto pelo nosso posicionamento individual nas histórias (Turner, 1996). Os resultados das configurações feitas com os espaços *inputs*, genérico e mescla, podem ser diferentes em cada caso. Algumas partes seleccionadas para a fonte e para o alvo, como são mais comuns e freqüentes do que outras, podem

levar a mente a trabalhar com mais rapidez ou não. Da mesma forma, os resultados das configurações podem gerar níveis altos de falhas de interpretações. O importante, de acordo com Turner (1996), é que estamos sempre aptos a desligar as conexões falhas. Às vezes, essas conexões parecem ser fixas, mas essa impressão é função do uso cotidiano, enraizado nas práticas sócio-culturais, que fazemos das expressões.

## 6.2) Mesclagem na percepção humana

Também de interesse para a análise que desenvolvemos é a colocação de Turner (1996: 117) de que temos a capacidade mental de integrarmos fragmentos de informação, ou seja, mesclar dentro de uma construção mental. No entender do autor, o que vemos em um determinado evento é naturalmente diferente do que uma outra pessoa vê no mesmo evento, e diferente do que nós vemos quando nos posicionamos em ângulos diferentes em relação ao evento. Entretanto, o evento nos é perceptível despido das diferenças, e consideramos que o outro esteja tendo a mesma visão. Nossos aparatos sensórios estão localizados no espaço, por isso, mesmo que o nosso foco mude, temos a percepção de estarmos vendo a mesma história.

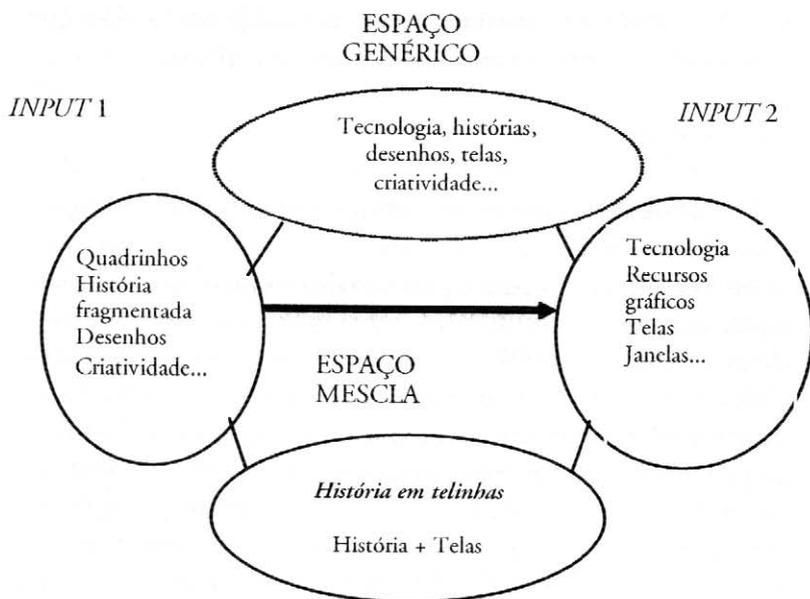
O que fazemos, na interpretação de Turner (1996: 117) é conectar elementos de uma visão que é nossa com as contrapartes que existem nos espaços dos outros pontos de vista e focos (ângulos) possíveis. Dessa maneira, concebemos pequenas histórias como se elas fossem uma única, vistas de focos e pontos de vista diferentes (Turner, 1996: 117). Ao conectarmos as contrapartes dos diferentes focos, integramos espaços, mesclamos e produzimos uma concepção unitária e transcendente.

A mesclagem proporciona uma redução do trabalho cognitivo que teríamos para contar, imaginar ou interpretar uma história. De acordo com Turner (1996), nós temos vidas específicas mas sempre que assumimos um ponto de vista ou um foco,

habitando um papel, ou possuindo um personagem que atravessa vários papéis, nos vemos transcendendo nossas singularidades. Com a mesclagem, nosso foco ou ponto de vista não se torna singular ou isolado. Esse processo é importante, pois nós não vivemos em um único espaço mental narrativo mas sim de maneira dinâmica, variável e distribuída, em muitos espaços mentais diferentes (Turner, 1996).

Em outras palavras, quando focalizamos um aspecto de um conceito, necessariamente estamos encobrindo outros aspectos deste mesmo conceito. As concepções inconsistentes dentro dos domínios conceptuais não serão projetadas na mescla, afirma Turner (1996). Quanto mais convencional for a mescla, menos se percebe que se está mascarando certos aspectos da experiência. Caso não houvesse partes encobertas na mesclagem, o significado estaria por completo no enunciado e não seria concebido em termos de outro.

Ao buscarmos em nosso *corpus* exemplos deste processo sociocognitivo, encontramos a tira em quadrinho do Menino Maluquinho, de autoria do Ziraldo (O Globo, 2004)<sup>2</sup>, na qual o Menino Maluquinho expressa o desejo de escrever “histórias em telinhas” (Figura 5). Esta tira ilustra a parcialidade que caracteriza a mescla. O Menino Maluquinho faz a projeção do domínio-fonte “histórias em quadrinhos” no domínio-alvo “computador”. O domínio-fonte agrupa concepções como quadrinhos, desenhos, histórias fragmentadas, criatividade e o domínio-alvo agrupa concepções como tecnologia, janelas, telas, linguagem fragmentada e sintetizada, recursos gráficos, modernidade. O espaço genérico agrupa as concepções tanto do alvo como da fonte indicando as contrapartes que constroem a mescla, como por exemplo: tecnologia, histórias, quadrinhos, telas, desenhos, modernidade, inovação e criatividade.



**Figura 5: A mescla histórias em telinhas**

O que reside no espaço mescla *histórias em telinhas* é o novo sentido que o personagem deu às histórias em quadrinhos. O espaço mescla ergue-se com idéias de quadrinhos em tela, histórias sintetizadas, tecnologia nos desenhos, modernidade. As projeções iluminam certos traços ao mesmo tempo que encobrem outros. Quando o personagem focaliza determinados aspectos do domínio-alvo “computador”, como a presença de telas ou janelas, o modelo (Turner, 1996) que guia a projeção é QUADRINHOS são TELAS. A mescla criada por ele encobre outros aspectos do domínio-alvo. Por exemplo, um computador poderia ser visto como um concorrente dos quadrinhos descaracterizando o ritual da leitura de livros e revistas. Nesse ponto de vista, o modelo que guiaria o personagem na projeção seria COMPUTADOR é ADVERSÁRIO e a mescla também estaria encobrindo e realçando aspectos do computador. Portanto, esse direcionamento que fa-

zemos em relação a um conceito nos leva a elaborar mesclas que escondem ou iluminam aspectos da nossa experiência.

## 7) Conclusão

Nossa análise do *corpus* confirma Turner (1996). Projeções e mesclas foram processos sociocognitivos sempre presentes e que se mostraram críticos para o processo de compreensão, portanto, para o processo de leitura. Apesar de a maioria das pessoas considerar os efeitos inventivos (Turner, 1996) como ornamentos retóricos ou recursos da imaginação poética, esses estão infiltrados nos textos da vida cotidiana, como acontece no caso das “tirinhas”. Se pudermos levar este conhecimento para a sala de aula de leitura em LM, talvez possamos desenvolver materiais pedagógicos que contribuam para o processo de leitura. Pretendemos, na segunda parte desse projeto, planejar e elaborar materiais que tenham como âncora os entendimentos teóricos desenvolvidos a partir da análise do *corpus*.

## 8) Referências

CHIAVEGATTO, V. C. Gramática: uma perspectiva sociocognitiva. In: \_\_\_\_\_. *Pistas e Travessias II*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 93-130.

DANTON, G. História dos Quadrinhos. *Net*, Rio de Janeiro, fev. 2002. Disponível em: <<http://www.aartedapalavra.com.br/index.htm>>. Acesso em: 26 set. 2004.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. New York: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, Reason and Imagination*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

MIRANDA, N. S. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. *Revisita Veredas*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 81-95, 1999.

SALIÉS, T.G. Texts as image-schemas: a crosslinguistic analysis of discourse in the light of cognitive linguistics. *Dissertation Abstracts International (UMI)* 59 (2): 0473. Bell & Howel # 98-24448, 1997.

\_\_\_\_\_. Esquemas-imagéticos: contrastando o português e o inglês. *Anais do VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: ALAB. CD-ROM, 2001.

\_\_\_\_\_. Texts as image schemas: a cross-linguistic study. In: MODER, Carol & MARTINOVIC-ZIC, A. (orgs.). *Discourse across languages and cultures*. Amsterdam: Benjamins, 2004, p. 293-319.

TURNER, M. *The literary mind: the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

<sup>1</sup> Mesclagem é o processo de projeção do domínio conceptual das nossas experiências concretas no domínio conceptual das nossas experiências mais abstratas gerando um novo sentido, o espaço mescla.

<sup>2</sup> Publicada no jornal O GLOBO. *Segundo Caderno* (p. 5), Rio de Janeiro. 2004.